

DESATIVAR A LOUCURA DA DOENÇA MENTAL: uma leitura sobre a transgressão linguística em Foucault

Ronaldo Filho Manzi¹

RESUMO: esse artigo busca discutir a análise de Foucault sobre a transgressão linguística enquanto uma forma de desativar a concepção de loucura da figura do discurso médico inscrita como doença mental. Foucault propõe essa desativação de maneira mais clara em um curto texto de 1964 denominado *A loucura, a ausência de obra*. Essa transgressão linguística, segundo Foucault, se daria através da literatura de vanguarda, pois ela nos traria a possibilidade de uma linguagem que desdobra em si mesma, transgredindo o código da língua vigente ao anular sua potência ordenadora e possibilitando que essa linguagem se organize em outro código de forma muda. O que Foucault nos mostra é como a loucura pode ser anunciada mesmo diante de interditos, mas transgredindo-os ao conservar um vazio de sentido que se desdobra em si mesmo. Há, como veremos, uma vizinhança entre a literatura e a loucura – eis uma forma que Foucault encontra de livrar a loucura da figura da doença mental.

Palavras-chave: loucura; doença mental; literatura; transgressão linguística.

ABSTRACT: this article seeks to discuss Foucault's analysis of linguistic transgression as a way to dissociate the concept of madness of the mental disease figure in medical discourse. Foucault proposes this dissociation more clearly in a short text called *Madness, the absence of work* (1964). This linguistic transgression, according to Foucault, would happen through avant-garde literature, as it would bring us the possibility of a language that unfolds in itself, transgressing the code of the current language by canceling its ordering potential and allowing that this language organize itself in another code in a mute way. What Foucault shows us is how madness can be announced even in face of interdictions, but transgressing them by conserving a void of meaning that unfolds in itself. There is, as we shall see, a nearness between literature and madness – this is a way that Foucault finds to exempt madness from the figure of mental disease.

Keywords: madness; mental disease; literature; linguistic transgression.

INTRODUÇÃO

Em um curto escrito publicado em maio de 1964 denominado *A loucura, a ausência de obra*, Michel Foucault se pergunta sobre a questão do limite, do estrangeiro, do insuportável, ao mesmo tempo que coloca essas questões na *serenidade do positivo*. Esse pequeno texto é escrito depois de suas primeiras quatro obras: *Doença mental e personalidade* (1954, posteriormente reeditado em 1962 como *Doença mental e psicologia*), *A história da loucura na idade clássica* (1961), *O nascimento da clínica* (1963) e *Raymond Roussel* (1963). Como se vê, a reflexão sobre a doença mental, a loucura, a história da clínica

¹ Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP, 2013) e pela Radboud Universiteit Nijmegen (RUN, 2013) (co-tutela). Pós-doutor em filosofia (USP, 2017) e em Psicologia Social (USP, 2019). E-mail: manzifilho@hotmail.com

e a literatura aparece anterior ao texto que pretendemos analisar aqui. Mas que se tenha em mente que a literatura analisada por Foucault é peculiar: uma literatura de vanguarda que era considerada uma escrita transgressiva – escrita por alguém considerado um “louco” no caso de Roussel, por exemplo. *A loucura, a ausência de obra* é uma reflexão *a posteriori* sobre esses temas – *a posteriori* no sentido de dar uma nova significação ao que foi pensado: uma espécie de “saldo” de suas reflexões. É nele que Foucault busca pensar de forma explícita *a loucura enquanto transgressão linguística* (tal como ocorre na literatura) que é, ao mesmo tempo, um limite estrangeiro e familiar ao homem, mesmo que o discurso médico supostamente possa “erradicar” a loucura do social. Como tentaremos mostrar, Foucault pretende desativar o discurso sobre a doença mental do discurso sobre a loucura – como se afirmasse que é preciso encontrar um ponto em que a loucura se configure como dispositivo fundamental dos laços sociais.

Lembremos primeiramente que, grosso modo, em *Doença mental e psicologia* e *O nascimento da clínica*, vemos uma análise que busca colocar à tona a arqueologia de um olhar que toma o homem como objeto do saber clínico. Podemos considerar a *Doença mental e psicologia* como um momento privilegiado para a compreensão da experiência de pensamento de Foucault, pois essa obra já nos indica um caminho que ele irá trilhar: a reflexão epistemológica sobre os saberes das ciências humanas nos leva a uma genealogia do poder e das práticas disciplinares. Que se perceba essa estratégia em passagens como esta: “o homem só se transformou em uma ‘espécie psicológizável’ a partir do momento em que sua relação à loucura permitiu uma psicologia (...)” (FOUCAULT, 2005a, p. 88). Não é de se estranhar, portanto, que já em *O nascimento da clínica* encontramos um trabalho arqueológico já estruturado a partir da análise do surgimento da clínica. Isso lhe permitirá fazer do campo das práticas médicas um polo de reflexão que orienta os processos de racionalização da vida. Por outro lado, poderíamos dizer que as duas outras obras cumprem um outro papel: em *História da loucura na idade clássica* e *Raymond Roussel*, Foucault busca expor, de formas distintas certamente, como a loucura se transforma em uma experiência trágica do mundo. Tal experiência ganha lugar, segundo Foucault, na literatura de vanguarda. Mas o que entender por tragédia aqui? Foucault nos mostra como a razão só consegue se apreender pela exclusão do que ela considera seu exterior. Entretanto, há uma tragédia quando ela se dá conta que há uma impossibilidade de realizar tal exclusão, *pois esse limite de um e outro é interna à própria razão*. Nesse sentido, ao compreender um

campo de exclusão, a razão reconhece que seu Outro lhe é interno. Foucault aponta essa experiência trágica em *História da loucura...* Por exemplo:

Esse confronto da consciência crítica e da experiência trágica anima tudo que pode ser experimentado da loucura e formulado sobre ela no debate do Renascimento. (...) A experiência trágica e cósmica da loucura é encontrada mascarada pelos privilégios exclusivos de uma consciência crítica. É por isso que a experiência clássica, e através dela, a experiência moderna da loucura não pode ser considerada como uma figura total [obra acabada, como veremos], que chegaria, enfim, por isso, em sua verdade positiva; é uma figura fragmentária que se dá abusivamente por exaustiva; é um conjunto desequilibrado por tudo o que lhe falta, quer dizer, por tudo o que o esconde. Sob a consciência crítica da loucura e suas formas filosóficas ou científicas, morais ou médicas, uma surda consciência trágica não cessa de se velar (FOUCAULT, 1999a, p. 46-47).

A insistência de Foucault é de essa experiência trágica só encontrar lugar novamente na modernidade nas experiências literárias de vanguarda. Seria preciso recuperar essa experiência de proximidade entre razão e loucura tal como aparece em sua reflexão sobre *Raymond Russel*. O que se pode acompanhar dessas reflexões, é como Foucault busca mostrar que as práticas clínicas desvelam as operações próprias dos nossos modos de racionalização. Não por acaso o nascimento da clínica se dá dentro de uma dada episteme. Assim, questões que aparentemente só teriam interesse na clínica são tomadas como reveladoras da nossa racionalidade de forma geral – como que, de forma silenciosa, a razão se configura nos campos possíveis de experiência. Daí o interesse em compreender como se instaura esses padrões de racionalidade; como eles se fundamentam e são legitimados; quais são seus critérios discursivos de verdade etc.

Podemos perceber isso claramente no livro *História da loucura*. Foucault busca expor as condições de possibilidade do nascimento de uma figura clínica: o doente mental; ou dizendo de outro modo, busca compreender a transformação da loucura em doença mental. Entender essa transformação era um dos objetivos mais centrais dessa obra. Foucault nos revela igualmente como a história da razão moderna é uma história de imposição de seus limites. Isto é, a constituição dessa razão é solidária a uma operação daquilo que ela supõe ser seu exterior. De certa forma, podemos afirmar que a história da loucura seria um “gesto de razão soberana”. Eis porque toma para si esse projeto que é anunciado no primeiro prefácio dessa obra:

É preciso fazer dessa outra volta da loucura – dessa outra volta pelas quais os homens, no gesto de razão soberana que aprisiona seu vizinho, se comunicam e se reconhecem através da linguagem sem piedade da não-loucura; reencontrar o momento dessa conjuração, antes que ela não seja definitivamente estabelecida no reino da verdade, antes que ela não seja reanimada pelo lirismo da protestação (FOUCAULT, 2001, p. 187).

Esse tipo de reflexão deixa claro que a concepção de doença mental está além de uma questão simplesmente clínica. Por exemplo, ao lidar com a diferenciação entre normal e patológico, as ciências empíricas criam um quadro de racionalidade de inclusão e exclusão; razão e desrazão – o que parece ser um dado clínico revela ser o *Outro* da Razão. Dentro do quadro da normalidade, portanto, cria-se práticas disciplinares, limites entre autonomia e heteronomia etc. Com essa delimitação entre o normal e o patológico, Foucault pode afirmar (no prefácio da primeira edição de *História da loucura*):

Poderíamos fazer uma história dos *limites* – destes gestos obscuros, necessariamente esquecidos desde que realizados, através dos quais uma cultura rejeita algo que será para ela o Exterior; e, ao longo de sua história, este vazio profundo, este espaço branco graças ao qual ela se isola, a designa tanto quanto seus valores. Pois tais valores, ela os recebe e os mantém na continuidade de sua história; mas nesta região a respeito da qual gostaríamos de falar, ela exerce suas escolhas essenciais, ela opera a partilha que lhe fornecerá o rosto de sua positividade; lá se encontra a espessura originária a partir da qual ela se forma (FOUCAULT, 2001, p. 189).

Como fica claro, Foucault associa o advento da racionalidade clínica com a constituição de um limite: uma história que constitui o Exterior, e que é nomeada enquanto doença mental no século XIX por Pinel e Tuke. É a partir dessa nomeação que surgem critérios de tratamento morais para esse tipo de caso, assim como cria condições para que haja um *homo psychologicus*. Mas há um campo que parece fugir dessa racionalidade: a literatura – como se ela não se adequasse ao que Foucault denomina *episteme moderna*, ou seja, ela não partilharia a configuração da positividade dos saberes empíricos de nossa época. Essa literatura de vanguarda nos levaria a uma experiência de linguagem do impossível, que segue códigos que não partilhamos em nossa língua falada vigente, que transgredir os limites impostos pela própria linguagem. Posteriormente, em *As palavras e as coisas* (1966), por exemplo, ele destaca:

Ora, ao longo do Século XIX e até hoje – de Hölderlin a Mallarmé, a Antonin Artaud – a literatura só existiu em sua autonomia, só se destacou de toda outra linguagem através de um corte profundo graças a formação de uma forma de ‘contra-discurso’ e retornando assim da função representativa ou significante da linguagem até este ser bruto esquecido desde o século XVI (FOUCAULT, 2005b, p. 58-59).

É essa experiência da linguagem que Foucault irá aproximar da loucura para tentar desativá-la do discurso da doença mental. Poderíamos mesmo pensar que essa literatura seria um campo de desarticulação dos processos de racionalização social que faz da loucura o Outro da razão. Autores como Blanchot, Bataille, Artaud, entre outros, permitem encontrar um campo de experiência estética que iria além dos processos de racionalização que visam impor um limite, uma unidade e um ordenamento do que seria a razão. Como pensarmos isso?

A LOUCURA, A AUSÊNCIA DE OBRA (1964)

Em *A loucura, a ausência e obra*, Foucault começa destacando que talvez jamais saibamos o que de fato é a loucura, pois essa figura se encerraria em si mesma (sem partilha). A única forma que teríamos de ter acesso a ela seria pelos seus traços. O mais interessante é Foucault colocar à tona que é somente por esses traços que nós nos tornaríamos legíveis: nós e nossa cultura. Por quê? Seria por que esses traços de loucura que nos definem? Não é por acaso que Foucault se volta a escritores obscuros para buscar esses traços, como em Artaud, Nerval, Roussel, Bataille, Klossowski, Mallarmé etc. Segundo Foucault, Artaud, por exemplo, partilha do solo da nossa linguagem em sua escrita apesar de nosso estranhamento ao lê-lo. Daí a afirmação de que aquilo que aparentemente nos é *exterior* em sua linguagem é o que nos revela: “tudo o que experienciamos hoje sobre o modo do limite, ou do estrangeiro, ou do insuportável, irá reunir a serenidade do positivo. E o que para nós designa atualmente esse Exterior corre o risco de um dia nos designar, nós” (FOUCAULT, 2001, p. 440). Ou seja, deveríamos repensar o que consideramos o nosso Exterior e até mesmo o que entendemos como limite.

Essa “serenidade do positivo” é aquilo que nos designa de forma interna e não Exterior (aquilo que não somos). Eis porque esse Exterior se torna um enigma – algo que deve ser “decifrado” em seus traços. Aliás, que delimitação foi essa realizada por nossa

sociedade entre o que é interior à razão e o que é exterior a ela? Por que a loucura não faria parte de nossa realidade? Ou por que só haveria o reconhecimento desse exterior em alguns casos, como no caso da literatura? Por que reconhecer neles o Exterior e não em nós? Ou se reconhecemos que haja esse exterior como um desnudamento do próprio homem, por que o “anulamos”? São essas as principais questões de Foucault nessa pequena reflexão. Essas questões nos levam a pensar a loucura como uma “outra ponta” de nós mesmos e que

(...) nos colocam a escutar as vozes que, vindas de muito longe, nos dizem o mais próximo o que somos, esse jogo, com suas regras, suas táticas, suas invenções, suas astúcias, suas ilegalidades toleradas, não será mais e sempre senão um ritual complexo cujas significações terão sido reduzidas em cinzas (FOUCAULT, 2001, p. 441).

Quer dizer, na história da humanidade, sempre houve o que se considera a loucura mesmo que a forma com que ela seja tratada, em cada época e em sociedade diferentes, se diferencie bruscamente – ela nunca deixou de ser parte de nós. O que aconteceu, pergunta-se Foucault, na contemporaneidade quando a medicina ameaça dominar “completamente” a loucura pela farmacologia, por exemplo? Seremos todos capazes de “neutralizar” qualquer traço de loucura em nós? Seríamos capazes de apagar a loucura de nossa sociedade? Foucault logo argumenta que é possível pensar “

(...) que o progresso da medicina poderia fazer desaparecer a doença mental, como a lepra e a tuberculose; mas uma coisa permanecerá, que é a relação do homem a seus fantasmas, a seu impossível, à sua dor sem corpo, a sua carcaça da noite; que a patologia, uma vez colocada fora de circuito, a sombra pertencente do homem à loucura será a memória sem idade de um mal apagado em sua forma de doença, mas se obstinando como infortuno (FOUCAULT, 2001, p. 441).

E aqui encontramos o ponto central que gostaria de discutir nesse estudo: deparamo-nos com “(...) a relação de uma cultura com aquilo que ela mesma exclui, e mais precisamente a relação da nossa com essa verdade de si mesma, longe e inversa, que ela descobre e recobre na loucura” (FOUCAULT, 2001, p. 441). Afinal, Foucault afirma que a loucura é algo que podemos “excluir” da cultura de forma normativa, mas isso jamais vai excluí-la enquanto algo que *constitui* a própria concepção de si dessa cultura. Excluí-la não significa “apagá-la” como se ela não existisse – o que podemos fazer é “colocá-la” de lado. Talvez não haja um texto mais freudiano nos escritos de Foucault do que esse. Por quê?

Ora, por mais que “coloquemos de lado” algo, este algo não desaparece – essa é uma das teses fundamentais da psicanálise freudiana. Recalcar um desejo não significa que o desejo foi anulado, mas simplesmente que foi posto de lado. Lembremos também como Freud define a concepção de *isso* (*Es*): o *isso* é algo em operação, *estranho* e, ao mesmo tempo, o mais *familiar*. O fato de o sujeito reconhecer nele mesmo desejos que “não ousam dizer seu nome” nos aponta para uma particularidade da psicanálise: todos estamos sujeitos a *isso*. Literalmente: a *isso* – a algo que “não pode dizer o que quer”; a algo que parece estar contido no sujeito, mas que lhe é aparentemente estranho e *alheio ao eu* – como se *isso* estivesse à revelia da consciência... Algo indeterminado, impessoal e mesmo irracional ou mítico. É neste sentido que compreendemos passagens como esta de Freud acompanhando Georg Groddeck em 1923 (no memorável escrito *O Eu e o Isso* (1923)): “(...) somos, como diz, ‘vividos’ por poderes desconhecidos e incontroláveis” (FREUD, 2011, p. 28). Em seu livro *Dicionário comentado do alemão de Freud* (1996), Luiz Hanns pontua: “psicanaliticamente, a substantivação *das Es* [*o isso*] designa algo ligado a uma ‘sensação de estranhamento’ e ‘alteridade’ que o próprio ‘eu’ sente perante as manifestações psíquicas de origem indeterminada que parecem acometê-lo à sua revelia” (HANNNS, 1996, p. 268). E logo a seguir complementa: “o *das Es* [*o isso*] é empregado para nomear uma instância que possui um dinamismo e uma autonomia e que mobiliza e ‘habita’ o sujeito, muitas vezes ameaçando subjugar-lo” (HANNNS, 1996, p. 268). Bem, é muito próximo a essa reflexão que Foucault nos diz na continuidade do texto: a loucura seria um desses casos que nos é estranho e, ao mesmo tempo, se torna novamente familiar (*cf.* FOUCAULT, 2001, p. 442). O fato é: o homem conseguiu colocar à distância essa figura de si mesmo? O que se perde com isso? Afirma Foucault:

(...) mantemos com a doença mental uma relação profunda, patética, difícil, talvez, de formular para nós mesmo, mas impenetrável a toda outra [cultura], e na qual experimentamos o mais vivo dos perigos, e nossa verdade, talvez, mais próxima. Não diríamos que nós estamos à *distância* da loucura, mas *na distância* da loucura (FOUCAULT, 2001, p. 442).

A morte, por um lado, é algo que colocamos de lado, mas que nos diz sobre nossa finitude, sobre a verdade de nós; a loucura seria algo desta ordem? Familiar e que buscamos colocar de lado e que só aparece em alguns? E se for o caso, por que essa coisa “ínfima” seria tão reveladora? Foucault destaca que a loucura é uma forma de transgressão. É preciso aqui

nos lembrarmos de Georges Bataille para entendermos o sentido ao qual Foucault se refere à transgressão. Bataille nos apresenta na obra *O erotismo* (1957) como tal se encontra no domínio da violência, uma vez que é preciso “ultrapassar” um limite, transgredir as normas, para que, aquilo que é da ordem do desejo, venha à tona. Haveria sempre *um excesso* nessa lógica de transgressão. É neste sentido que o erotismo deveria ser refreado (por um mundo de interdições) para que haja um meio social ordenado, já que é preciso refrear o prazer, a satisfação imediata, que comandaria a violência do desejo (cf. BATAILLE, 1970, p. 47). Sendo assim, o interdito é algo necessário ao homem, pois a vida em sua essência é um excesso e “sem limite, ela enfraquece as forças e seus meios; sem limite, ela aniquila o que ela criou” (BATAILLE, 1970, p. 96). Do mesmo modo, é necessária a transgressão, pois não é possível silenciar definitivamente aquilo que sempre está no fundo de nossas ações, *aquilo que é soberano em nós*. Trata-se de uma atividade fundamental: “o erotismo em seu conjunto é infração à regra do interdito: é uma atividade humana” (BATAILLE, 1970, p. 104).

É essa concepção de transgressão que nos traz Foucault: a transgressão de interditos – uma transgressão que não pode ser silenciada: “o interdito está aí para ser violado” diz Bataille (1970, p. 72). É exatamente este jogo entre lei e violação da lei, do interdito e da transgressão, que Bataille quer indicar juntamente com uma angústia do refreamento do desejo: haveria sempre este jogo de privação e de excesso, de interdito e de transgressão, porque os objetos que desejamos sempre nos levariam a esta ambivalência: de repulsa, devido aos interditos; e de atração, exatamente pelo interdito criar esta atração proibida: “o interdito jamais aparece, humanamente, sem a revelação do prazer; nem jamais o prazer sem o sentimento do interdito” (BATAILLE, 1970, p. 119). É nesse sentido que a loucura aparece como uma transgressão em Foucault: *como um excesso*. E é por isso também que Foucault pode afirmar, em *O pensamento do fora* (1966), que “(...) a ordem da lei jamais foi soberana, pois ela envolve agora aquilo mesmo que quer transtornar” (FOUCAULT, 2001, p. 559). Em seu *Prefácio à transgressão* (1963) – texto escrito em homenagem a Bataille –, Foucault escreve:

A transgressão é um gesto que concerne o limite; é aí, nessa delgadeza da linha, que se manifesta o clarão de sua passagem, sua origem mesma. (...) O jogo de limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomeçar a transpor uma linha que, atrás dela, logo se fecha em algo vago de pouca memória, recuando

portanto novamente até o horizonte do não poder ser transposto (FOUCAULT, 2001, p. 264-265).

É esse gesto de obstinação, de não cessar, o excesso da transgressão. Em nosso caso, esse excesso, a loucura, por mais que tenha ou possa ser “dominada” por um discurso médico, não desaparece; e nada impede que ela venha a ter lugar em novas experiências. Foucault percebe que essas novas experiências são claramente postas na linguagem, como em Artaud. É esse o ponto central: as transgressões se dão em relação aos interditos linguísticos. Como uma indicação futura de reflexão, Foucault nos traz quatro formas de transgressões linguísticas – transgressões ligadas a interditos da linguagem enquanto sistema de regras e leis que formam o campo possível das experiências sociais. São elas:

- 1) os erros de linguagens que são formados devido aos interditos – como há leis que concernem às regras da fala, o que está fora desse código transgride a língua por não seguir a lógica estabelecida (algo de ordem sintática);
- 2) as blasfêmias – falas ou palavras que se utilizam da linguagem vigente, mas que são interditas (a palavra ou a relação de palavras são interditas pela religião, por exemplo); portanto, um interdito semântico;
- 3) a censura – enunciados que, apesar de serem autorizados pelo código linguístico, seu significado é interdito pela cultura, mesmo que usada de forma metafórica (pois se trata de algo da ordem do intolerável);
- 4) a linguagem estruturalmente esotérica – trata-se de uma forma de linguagem que parte de um código dado mas que pode ser reconhecido em outro; esse outro código em que essa linguagem é reconhecida é dada na própria palavra – como se a palavra fosse duplicada no interior de si. Assim, ela acrescenta algo ao mudar de código, mas de forma muda.

Essa última forma de transgressão é o que nos interessa. Ao mudar de código, a palavra anuncia algo, mas também anuncia outro algo ao mesmo tempo que pode ser “passada” como muda – como não ouvida. Dessa forma, essa transgressão é eficaz, porque anula a potência ordenadora do código no momento mesmo que esse código é aplicado: “quer dizer, ela não comunica, se escondendo, uma significação interdita; ela se instala desde o princípio numa dobra essencial da fala. Dobra que a escava do interior e talvez até o

infinito” (FOUCAULT, 2001, p. 444). É como se a palavra guardasse em si uma potência de anular o código em que é anunciado. Mas o que isso nos leva a pensar no caso da loucura?

Foucault localiza a experiência da loucura na nossa história passando por essas interdições. Até o final do Renascimento, afirma Foucault, a loucura é tida como algo indeciso – como um erro de linguagem. Com o fechamento do Hospital Geral no século XVI, a loucura é tomada ao lado do insensato, incluído no universo dos interditos da semântica: são os imbecis, os insanos, os dementes; é algo da ordem da blasfêmia, pois ligado à libertinagem do pensamento e da fala, à feitiçaria etc. A censura aparece na repressão da loucura – quando a fala do louco não é tolerável –, principalmente com Pinel, segundo Foucault. Mas o que nos interessa propriamente aqui é a quarta forma de interdição, quando Foucault nos lembra de Freud:

Esta [a fala interdita] não se produz realmente senão com Freud, quando a experiência da loucura é deslocada em direção à última forma de interdito da linguagem da qual falamos a todo momento. Ela deixou, portanto, de ser falta na linguagem, blasfêmia proferida, ou significação intolerável (...); ela aparece como uma fala que se envolve sobre ela mesma, dizendo outra coisa que ela diz, na qual é, ao mesmo tempo, o único código possível: linguagem esotérica, se se quer, pois detém sua língua no interior de uma fala que não diz outra coisa finalmente senão essa implicação (FOUCAULT, 2001, p. 445).

Como se vê, Foucault resgata a ideia de que uma palavra, para uma dada pessoa, pode significar algo absolutamente fora do código vigente. Assim, uma palavra pode remeter uma pessoa à sua história vivida e pode contornar a censura ao ser pronunciada num contexto sintático e semântico aceitável. São os mecanismos clássicos do funcionamento do inconsciente que Freud destaca desde *A interpretação dos sonhos* (1900) no famoso capítulo VI – *O trabalho do sonho* (cf. FREUD, 2019, p. 318-557). Neste capítulo, Freud destaca como esse trabalho se dá principalmente pela condensação e pelo deslocamento. Basta ver como um sonho pode ser expresso por um conteúdo manifesto, mas que esconde um conteúdo latente que deve ser interpretado. Assim, como destaca Foucault, essa linguagem desdobra em si mesma desviando-se do código. Ou seja, a loucura se instala “(...) nessa região perigosa, transgressiva sempre (portanto, interdita ainda, mas de um modo particular), que é aquela de linguagens se implicando nelas mesmas, quer dizer, enunciando no seu enunciado a língua na qual ela enuncia” (FOUCAULT, 2001, p. 445). O que Foucault nos mostra é como a loucura pode ser anunciada mesmo diante de interditos ao conservar

um vazio de sentido que se desdobra em si mesmo. Há, portanto, uma relação muda entre linguagem e fala. Eis como Foucault conclui sobre Freud:

Desde Freud, a loucura ocidental se tornou uma não-linguagem, pois ela se tornou uma linguagem dupla (língua que não existe senão nessa fala, fala que não diz senão sua língua) –, quer dizer, uma matriz da linguagem que, no sentido estrito, não diz nada. Dobra do falado que é uma ausência de obra (FOUCAULT, 2001, p. 446).

Mas por que uma ausência de obra? Reparemos que desde o prefácio da primeira edição de *A história da loucura...*, Foucault afirma: “o que é então a loucura, em sua forma a mais geral, mais concreta, por recusar desde o princípio a tomada sobre ela no saber? Nada de outro, sem dúvida, senão a ausência de obra” (FOUCAULT, 2001, p. 190). Poderíamos dizer que Foucault nos indica como essa transgressão, a loucura, impossibilita que haja uma obra enquanto uma síntese acabada que poder-se-ia categorizar em códigos preestabelecidos. No fundo, essa forma de transgressão revela que se pode romper, de certa forma, o código ao se utilizar de uma fala que desdobra em si mesma e que não pode ser traduzida no código vigente. Daí afirmar que Freud “(...) elevou as palavras até sua fonte – até essa região mínima de auto implicação em que nada é dito” (FOUCAULT, 2001, p. 446).

Esse movimento de transgressão é o que aparece, como destacado, na literatura depois de Mallarmé segundo Foucault. Mallarmé teria feito uma ruptura. Antes dele, o que tínhamos era uma literatura que seguia um código de linguagem e, por isso, sujeita ao erro de linguagem, à blasfêmia e à censura. Com Mallarmé surge essa linguagem de estrutura esotérica. Assim, Foucault afirma que a literatura é tributária de uma experiência social que é familiar com a loucura, pois “(...) supunha, sob cada uma de suas frases, sob cada uma de suas palavras, o poder de modificar soberanamente os valores e as significações da língua à qual, apesar de tudo (e de fato), ela pertencia; ela suspendia o reino da língua em um gesto atual de escritura” (FOUCAULT, 2001, p. 446-447). Foucault instaura, assim, uma ligação íntima entre a loucura e a literatura. Eis uma passagem essencial:

Por isso, também, essa estranha vizinhança da loucura e da literatura, na qual não é preciso tomar emprestado o sentido de um parentesco psicológico colocado, enfim, a nu. Descoberta como uma linguagem silenciosa na superposição a ela mesma, a loucura não manifesta nem reconta o nascimento de uma obra (ou de qualquer coisa que, com o gênio ou o acaso, poderia se tornar uma obra); ela designa a forma vazia de onde vem essa

obra, quer dizer, o lugar de onde ela não cessa de ser ausente, onde jamais a encontraremos, uma vez que ela não é jamais encontrada. Lá, nessa região pálida, sob esse esconderijo essencial, se desenrola a incompatibilidade gêmea da obra e da loucura; é o ponto cego de sua possibilidade a cada um e de sua exclusão mútua (FOUCAULT, 2001, p. 447).

O processo de transgressão está exatamente quando a linguagem não mais diz o que “quer dizer”, mas um excesso que desenrola em si mesma – aquele mesmo excesso que apontava Bataille. Isso teria sido possível após Mallarmé: o espaço da literatura seria o mesmo da experiência de loucura apresentada por Freud, segundo mecanismos em que a linguagem cria seu próprio código. Daí porque a literatura iria ativar uma contradição e uma impossibilidade ao colocar lado a lado as frases: “eu escrevo”; “eu deliro”. Eis porque o interesse de Foucault por textos como de Roussel quando ele descreve seu procedimento de escritura. No fundo, ao fazer essa vizinhança da literatura com a loucura, Foucault tem em mente que esta opera tal como a linguagem e por isso pode ser tratada como uma transgressão linguística. “E, longe do patológico, [a loucura,] ao lado da linguagem, lá onde ela se duplica sem ainda dizer nada, uma experiência está nascendo que vai ao nosso pensamento; sua iminência, já visível, mas absolutamente vazia, não pode ainda ser nomeada” (FOUCAULT, 2001, p. 448).

As duas, literatura e linguagem, ocupam um mesmo espaço: um campo de linguagens excluídas. A tese de Foucault não poderia ser mais clara: entrando no domínio de uma linguagem excluída como a literatura, “(...) a loucura desata seu parentesco, antigo ou recente segundo a escala que se escolha, com a doença mental” (FOUCAULT, 2001, p. 448). Essa vizinhança entre a literatura e a loucura é a forma que Foucault encontra de livrar a loucura da figura da doença mental. Mas tal aproximação não deixa de ter suas consequências: há uma reconfiguração das potencialidades e códigos da linguagem que estão em operação na literatura. Não só isso: essa relação da literatura com a loucura poderia reconfigurar o princípio de orientação dos processos de racionalização social. Por exemplo: tomar aquilo que é exterior ao processo de racionalização como o princípio de transgressão desse mesmo processo. O mesmo se dá nas experiências de transgressões que são estruturadas como a linguagem (e aqui já entrevemos traços estruturalistas em Foucault), como é o caso da sexualidade. É possível transgredir o código em sua própria ativação (pensando, por exemplo, como a sexualidade pode ser transgredida no interior mesmo da ativação das práticas disciplinares). Toda essa reflexão nos coloca diante de algo ainda não

nomeado, sem obra, mas em operação, por exemplo, na literatura de vanguarda. Não se desativa um código linguístico para se “colocar” outro no lugar, mas para desativar a tentativa de delimitar o campo do possível. Toda transgressão abre uma duplicação em si mesma em seu próprio código – não submetido a algo exterior a ele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É essa forma de transgressão da linguagem que Foucault encontra na estética. Analisando Bataille, por exemplo, Foucault afirma:

Assim, essa linguagem de rochedos, essa linguagem incontornável, na qual ruptura, escarpadura, perfil despedaçado são essenciais, é uma linguagem circular que reenvia a ela mesma e se reduplica sobre uma tomada em questão de seus limites – como se ela fosse nada de outro senão um pequeno globo de noite da qual uma estranha luz emana, designando o vazio de onde ela vem e se dirigindo fatalmente ao que ela clareia e toca (FOUCAULT, 2001, p. 272).

Que se perceba que são em espaços de excesso que há uma transgressão linguística enquanto uma linguagem estruturalmente esotérica, nos termos de Foucault. A relação da loucura com essa transgressão encontramos também na homenagem de Foucault a Nerval em *A obrigação de escrever* (1964):

Nerval teve uma relação com a literatura que para nós é estranha e familiar. Perturbador, mas próximo do que apreendemos de maior em nossos contemporâneos (Bataille, Blanchot). Sua obra dizia que a única maneira de estar no coração da literatura é de se manter indefinidamente em seu limite, e como na borda exterior de sua escarpadura. (...) Daí [da repetição de que é preciso escrever] essa possibilidade e essa impossibilidade gêmeas de escrever e de ser, dessa pertença entre escrever e loucura que Nerval fez surgir no limite da cultura ocidental – nesse limite que é oco e coração (FOUCAULT, 2001, p. 465).

Mas é no livro *Raymond Roussel* que Foucault insiste mais sobre essa transgressão linguística. Tomemos, por exemplo, seu último capítulo – *O sol aprisionado*. Foucault se contrapõe ao discurso médico de Janet, psicólogo, para o qual Roussel é apenas um doente, um louco – sua obra não passaria de um sintoma. Por outro lado, Foucault busca mostrar que a doença desse homem é nosso problema. Por quê? Foucault leva ao extremo que não há sistema comum entre existência e linguagem, pois é a linguagem que forma o sistema da

existência. E se a doença de Roussel é nosso problema, é porque sua transgressão linguística é um problema de nosso sistema de existência. Roussel escreve se aproximando de um vazio que ao mesmo tempo se afasta. Algo familiar e estranho. É em direção a esse vazio que a linguagem de Roussel nos leva: “(...) e em direção a essa ruína medular ele lançava incessantemente sua linguagem, escavando uma obra que é ausência de obra” (FOUCAULT, 1999b, p. 145). Esse vazio é em Roussel o que ele denomina *oco solar*:

Esse *oco solar* não é nem a condição psicológica da obra (ideia que não tem sentido), nem um tema que lhe seria comum com a doença. Ele é o espaço da linguagem de Roussel, o vazio de onde ele fala, ausência pela qual a obra e a loucura se comunicam e se excluem. E esse vazio não o vejo em nada como metáfora: trata-se da carência das palavras que são menos numerosas que as coisas por elas designadas, e devem a essa economia querer dizer alguma coisa (FOUCAULT, 1999b, p. 145).

Roussel teria aberto esse espaço vazio na linguagem literária em que a linguagem só diz de si, desdobrando-se, encerrada em si mesma. O livro *Raymond Roussel* já anunciava aquela transgressão linguística:

O ‘desatino’ de Roussel, seus irrisórios jogos de palavras, sua aplicação obcecada, suas absurdas invenções, comunicam-se, de fato, com a razão de nosso mundo. Talvez, um dia, nos apercebamos de uma coisa importante: a literatura do absurdo, da qual eis-nos aqui, enfim, e há pouco liberados, acreditou-se erroneamente que ela era a tomada da consciência ao mesmo tempo lúcida e mitológica de nossa condição; ela não passava da vertente cega e negativa de uma experiência que aflora nos nossos dias, ensinando-nos que não é o ‘sentido’ que falta, mas os signos que só significam, devido a essa falta (FOUCAULT, 1999b, p. 146).

Essa transgressão linguística não nos abriria para uma outra positividade. A loucura, tal como nos apresenta a literatura de vanguarda, romperia os processos de racionalização dos limites da razão. A literatura seria, portanto, uma experiência social que nos coloca na experiência trágica da loucura e torna possível que se desative a redução da loucura à doença mental. Afinal, “a literatura moderna não cessa de nos ensinar” (FOUCAULT, 2001, p. 452).

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **L'érotisme**. 2. ed. Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.

FOUCAULT, Michel. **Dits et écrits I (1954-1975)**. 2. ed. Paris: Gallimard, 2001.

_____. **Histoire de la folie à l'âge classique**. 3. ed. Paris: Gallimard, 1999a.

_____. **Maladie mentale et psychologie**. 4. ed. Paris: PUF, 2005a.

_____. **Les mots et les choses – Une archéologie des sciences humaines**. 3. ed. Paris: Gallimard, 2005b.

_____. **Naissance de la clinique**. 8. ed. Paris: PUF, 2012.

_____. **Raymond Roussel**. 1. ed. Trad. Manuel B. da Motta; Vera L. A. Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999b.

FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 4 – A interpretação dos sonhos (1900)**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Obras completas Volume 16 – O eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)**. 1. ed. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HANNS, Luiz. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.